

A OPINIÃO

AVENÇANDO

A "Escola,, em a Natureza

Férias á politica. A' politica disemos, visto não termos conhecimento de qualquer mais oportuno vocabulo, que verdadeiramente exprima tudo quanto respeita á administração do Estado, e que determine, ou imponha, as observações inerentes á função jornalística, ou, mesmo, ao patriotismo insubjugavel de todos os cidadãos, que o saibam sêr.

Férias, pois, á politica, neste lugar solene, em que o jornal marca a orientação indispensavel á utilidade social que procura sêr, ao menos por hoje, que a grata entrevisão dum futuro alacre nos surgiu, sob a influencia vivificante da auspiciosa abalada dum «Passeio Escolar.»

Foi o caso, termos, no ultimo sabado, visto, aqui defronte, entrar para uma camionete resfolegante, com o seu digno director e demais pessoal de vigilância á frente, os alunos da nossa «Escola Complementar».

A hora era suggestiva. A aurora cedera já, ao oiro flavo do sol criador, o enrubescimento, rejuvenescedor côm que tinge os seus primeiros diluculos, como que a indicar á infancia que ali estava, vibrante de júbilo, na impaciencia fremente da anciosa abalada, a evolução gradual que a vida impõe, num maior enriquecimento de brilho e côr, para a tornar mais bela e fecundamente proveitosa.

Era o começo da lição do educativo «passeio».

Sim, porque, por mais futil que possa parecer uma «excursão escolar» á lamentavel inercia de muito *ilustre sabio*, que tudo ousa criticar, sem quasi nada, ou nada, compreender, essa benefica saída dos recintos fechados das aulas para logares mais amplos da natureza livre, não é mais que dar boa pratica a um preceito pedagogico, que melhor prepara os alunos para a applicação do proprio estudo, ao mesmo tempo que abre ensejo facil para um maior e, utilissimo alargamento dos conhecimentos gerais, de que necessita.

Ora a nossa «Escola Complementar» estava de marcha para uma dessas tão proficuas «diligências didascalicas», áquella hora suggestiva, cuja luminosidade crescente, perfeitamente condizia com a idade progressiva do alegre bando, a que o espi-

rito escolar emprestava o aspecto organico da «ordem», que não é «submissão», do «respeito» e «compostura», que não são «subserviencia» ou «timidez».

E pelo nosso olhar passou, em tão, a entevisão feliz dum futuro alacre, julgando vêr essas crianças substituindo já, em pleno e bem orientado desenvolvimento, no amanhã redimido pela consciencia esclarecida das gentes, as gerações hesitantes e abatidas desta penosa epoca de funestos liberticidios, em que a civilização parece recuar ante o espectro sinistro do retrocesso hiante.

Sentimos que a acção educativa das «Escolas», assim como ali se manifestava naquela consoladora «peregrinação didatica», que se propunha a mais intensificar a fé no «estudo», dando ás faculdades receptivas dos alunos o doce prazer aliciante de prontamente «observar», para melhor «compreender, e simultaneamente lhes suscitar a idéa do «conjunto», e lhes fornecer a noção mais exata da propria importancia individual, na «cooperação colectiva» da grande obra de aperfeiçoamento, que tem sido e continuará sendo a tarefa suprema do sempre vitorioso trabalho humano; sentimos, disiamos, que a acção educativa das «Escolas», do mesmo modo que ali tomava o rumo directo dos ensinamentos naturais, exercendo a sua angusta missão no campo fertilissimo das realidades palpitantes, se estava repetindo por todo o Paiz, num levante triunfal, que punha, nos horisontes do futuro, a luz promissora de tão radiosa manhã.

E fomos seguindo, em espirito, o celere avançar da camionete resfolegante, vendo-a parar, aqui e além, nos logares proprios, que o metodico programa marcava para as prelecções adrede.

Cessava, então, a garrulice estridente da infancia em festa, ou emudeciam os còros alacres das canções gorgeadas, para que a elucidação apropriada do mestre encontrasse, na atencção espontanea do bando curioso, a eficiencia resgatadora a que visava.

E por toda a parte era assim, e continuaria sendo, nesta vivificadora renovação do ensino, que dá á «Escola» uma maior

amplitude, fazendo-a transpôr os recintos fechados, e prolongar a sua acção redentora no melhor convivio da natureza franca, onde a simples observação da cordial amplectivação das coisas gera o sentimento vive da mais perfeita solidariedade; onde a transformação incessante da materia sugere todas as idéas incitadoras do progresso, pelo esforço consciente da mais completa aprestitação.

Bendita, pois, essa manhã doirada e quente, em que, sob os auspicios dum suggestivo «Passeio Escolar», podemos entrever a ventura culminante dum futuro redimido.

Bendita manhã.

Bendito «Passeio».

Varias notas

OS prelados portugueses, na mesma ordem de idéas do sr. dr. Lino Neto, que, pelo «Centro Catolico» exortou os contribuintes ao pagamento, integral (sem ser em duas prestações, como, sem nenhum agravamento, é por lei permitido) dos impostos em cobrança, teem mandado circular aos revd.ºs parocos para eles atuarem nesse sentido junto dos seus paroquianos.

CONFORME referem os jornais, a Junta Orçamental, que tem reunido frequentes vezes sob a presidencia do sr. sub-secretario das finanças, entre as varias reduções de despeza de que se tem occupado, assentou em subtrair ao ministerio da agricultura a importante verba de 12.000 contos.

A este ministerio, no duodecimo corrente, foi apenas arbitrada a pequena quantia de 3.260 contos, que corresponde a uma despeza anual de 39.120 contos.

Deduzidos a esta importancia os 12.000 contos que lhe vão ser diminuidos, a faculdade orçamental desse ministerio ficará circumscriita a 27.120 contos, ou seja, anoalmente, a mais 4.220 contos apenas, do que, num só mez, foi atribuido ao ministerio da guerra (22.900 contos); menos do dôbro do que no mesmo mez foi fixado ao ministerio da marinha (12.350 contos) e ao do interior (13.000 contos).

Que dirá a isto o titular da respectiva pasta, dado o conceito em que está (e a nosso ver bem justo) de que os serviços que lhe estão adstritos, pela propria natureza do fomento que envolvem, merecem, sendo reclamam, uma dotação mais promissora e util?

Sim, porque é preciso não esquecer-se, que somos um Paiz agricola.

sr. ministro da agricultura veio a Gaia tomar conhecimento directo da magna questão do entreposto, a celebre invenção que tão prejudicial tem sido á economia vinicola da nossa região.

Parece que o sr. capitão Mendes do Amaral se mostrou inclinado á justa solução que o caso requer.

Pois oxalá o assunto se resolvesse brevemente, para que de todo não asfície o tão castigado producto dos vinhos verdes que nada tem com os mixordeiros das altas «combinações generosas» e que se vê tão premido pelo aumento das contribuições, sem lhe facilitar, antes dificultando-lhe a venda dos vinhos.

Oxalá.

FAZEM os jornais de ontem a noticia de ter sido substituido, pelo sr. ministro do commercio, o titular da pasta da agricultura, que do respectivo serviço tem necessidade de ausentar-se temporariamente.

Nesta ocasião e a tão breve trecho da sua nomeação, é para sentir, tanto mais que o capitão sr. Mendes do Amaral parecia resolvido a praticar actos dignos de bom aplauso.

SOCIEDADE

Já regressou do Gerez a ex.^{ma} sr.^a D. Fernanda Caravana, estremecida esposa do nosso presado amigo sr. Francisco Filipe dos Santos Caravana, ilustre capitão de engenharia e presidente da nossa Comissão Administrativa Municipal.

—Por algum tempo, partiu ha dias para a Povia de Varzim, com sua ex.^{ma} esposa, o nosso amigo e assinante, sr. Domingos Evangelista, distinto professor primario na freguesia da Pouza.

—Esteve em Braga o sr. Alfredo Viana de Lima, prof.-director da Escola Complementar.

—Retirou para Barroselas a sr.^a D. Maria do Carmo Barreto Alão.

—Chegaram de Coimbra a sr.^a D. Maria Avelina Faria Duarte e seu irmão sr. Aires de Faria Duarte.

—Da mesma cidade também regressou o sr. Martinho Eduardo de Faria.

Manoel Ramos de Paula O SEU FALECIMENTO

Na madrugada da última segunda-feira, na sua «Vila Violeta» em Casal do Nil, fôz-se o abastado proprietário e capitalista, sr. Manoel Ramos de Paula.

Desde muito que o coração fortemente abalado lhe trazia a vida em serio risco. A sua admirável complicação e o seu grande poder de resistencia iam, porém, victoriosamente afrontando a ameaça constante, e o certo é que as pessoas que o conheciam e estimavam, e eram todas as que aqui residem, quasi se esqueciam do seu precario estado, continuando a partilhar da sua grata convivencia nos centros de conversa, por onde frequentemente apparecia.

Assim foi que, a noticia da sua morte, não deixou de revestir todo o aspecto de dolorosa surpresa, sulcando funda magna em todos que dela foram tendo conhecimento.

E' que Ramos de Paula, comquanto adstrito ao sereno recolhimento da vida particular, sabia sociabilisar e, sem expansões de maior exteriorisação, ia, contudo, dando salutar preceito áquilo que a sua noção do dever social nobremente lhe vincava na consciencia sã.

Dif' a estima geral de que gozava e, consequentemente, o pesar profundo que o seu desaparecimento naturalmente deflagrou.

Fôra em criança para o Brazil e, ali, sempre, sob a rigidez preservante dum trabalho honesto, que lhe firmou o mais honrado conceito, em breves anos conseguiu prosperar, adquirindo os meios de fortuna bastantes para cádo regressar á terra querida da Patria, que muito amava, cuidando zelosamente da familia que havia constituído e da administração dos seus haveres, o que não o impediu de prestar a varias instituições locais o seu prestimoso concurso, como fôz, á Associação dos Bombeiros Voluntarios e Irmãndades da Santa Casa e Senhor da Cruz.

Na revista, «Portuguezes no Brazil» em seu n.º 8.º do ano 1.º, encontra-se, encimado pela fotografia do saudoso extinto, o seguinte artigo, que passamos a transcrever, até como justa homenagem, a quem soube atravessar a vida, até aos 72 anos, seguindo sempre a estrada reta da honra e da dignidade e por modo a captivar dedicções, que hoje se traduzem pela sentida magua que a sua morte causou.

«Cabe-nos a satisfação de incluir nesta galeria de emigrantes nobilitados pelo trabalho, mais um compatriota que — sem favor de amigos nem contestação de inimigos — pôde ter o justo e legitimo desvanecimento de olhar, do alto da sua feliz independencia, o caminho que percorreu, aplaudindo-se de haver adquirido um nome impoluto e uma fortuna perante a qual não t'rao de lavrar protesto nem oprimidos nem expoliados.

Manoel Ramos de Paula conta 49 anos de idade; nasceu a 26 de Setembro de 1856, na vila de Barcelos, devendo o ser a Francisco de Paula, constructor civil e empreiteiro de obras publicas, e sua esposa D. Ana Joaquina de Paula.

Pertencendo a uma familia que tinha por braço o trabalho, não hesitou em seguir-lhe o exemplo, partindo para o Brazil em 1871. Chegando ao Rio de Janeiro dedicou-se á vida do commercio, empregando-se na casa especuladora de café, pertencente á firma *Gomes Moreira & Viela*, onde permaneceu algum tempo, passando depois para a de *Marques & Moura*. Nesta ultima revelou tais aptidões commerciaes, evidenciou tãto depressa a sua reputação de inteligente e trabalhador, afirmou por tal modo a seriedade do seu caracter, que em pouco tempo eram-lhe dados interesses na casa e mais tarde dela tornado socio.

Quando já nesta posição vantajosa os chefes da casa resolveram outorgar-lhe a direcção da mesma, reservando para si a condição de socios comanditarios. Entrando mais tarde na posse individual da referida casa, cuja sede era na rua de S. Bento, 24, constituiu a firma *M. Ramos & C.*, a que se tornou muito importante entreteendo relações com as principaes casas estrangeiras. Na dirigencia da sua casa mostrou Manoel Ramos de Paula quanto é dotado desse talento perspicaz de negocios, que abre franca a cornopacia da prosperidade a quem sabe exploral-o. A sua faina durou, ininterrupta, até fins do ano de 1900, em que liquidou, retirando de todo para Portugal.

Sem descurar os interesses do seu aliás vastissimo labor mercantil, Manoel Ramos de Paula teve ensejo de estender as suas vistas a outras preocupações agradaveis ao seu espirito. Citaremos, em primeiro lólar, a sua apaixonada predilecção pelo sport nautico, em que, como 1.º remador e como timoneiro, se salientou por maneira deveras notavel. A atestal-o estão as medalhas que possui e que conquistou em dezenas de regatas realisadas na praia de Botafogo. Entre essas destaca-se porém a que obteve como vencedor dos vencedores.

E' o caso que antes da sua interferencia no sport nautico a palma em todas as corridas pertencia aos inglezes.

Apareceu porém um dia Manoel Ramos de Paula como um socio do *Real Club Ginastico* a tomar parte em regatas, e desde então os papeis começaram a inverter-se. Um facto curioso e comprovativo do que deixamos dito:—Tratava-se da celebração do centenário da descoberta do caminho marítimo para a India. Entre os festejos planejados pela colonia portuguesa do Rio de Janeiro, figurava uma regata internacional. A esse tempo já Ramos de Paula se achava afastado do Club e consequentemente da *tragem* sporti-

va. O Club propozera-se concorrer á regata com a sua guiga denominada *Camões*. O titulo era suggestivo e impunhasse. *Noblesse oblige* e realmente seria um fracasso, em tal conjunctura, não vencer o barco que assim se escudára com o apeli-do do imortal cantor da famosa epopeia.

Uma dificuldade porém se oferecia:—encontrar timoneiro capaz de assegurar, pelo esforço e pela pericia, o exito de tão patriótico empenho. Surgiu então uma ideia luminosa: convidar o antigo socio Ramos de Paula para arcar com essa tremenda responsabilidade. Dito e feito; o Club fôz o convite e Manoel Ramos de Paula aceitou-o.

A regata concorreram os mais festejados campeões do *yachting*. Foi um certamen febril, entusiasta. Ramos de Paula timoneando um grupo de esforçados compatriotas, conquistára o primeiro logar... Não pode calcular-se o delirio com que os vencedores foram saudados! Foi como que uma apoteose! Ramos de Paula honrara briosamente as tradições marítimas da sua patria.

Mas não foi só por esta forma que ele afirmou no Brazil a sua acção patriótica: afirmou-a também, e por maneira eficaz, na cooperação que prestou ás principaes instituições da colonia, figurando o seu nome como socio remido da *Real Sociedade Portuguesa de Beneficencia*, do *Retiro Literario Portuguez* e do *Lycée Literario Portuguez*. Foi também socio muito influente do *Club dos Democráticos*, de cujos corpos gerentes por vezes fez parte.

Manoel Ramos de Paula casou no Rio de Janeiro com a sr.ª D. Maria Meira, sua patricia e conterranea, senhora muito apreciavel e estimada pela educação de excelentes dotes naturais.

Muito conhecido em todo o concelho, o seu convívio, de verdadeiro *gentleman*, é merecidamente apreciado, podendo da inteireza do seu caracter e dos primores do seu espirito dar testemunho irrecusavel todos quantos privam do seu tracto amabilissimo.»

O sr. Manoel Ramos de Paula era viuvo, ha já bastantes anos, da sr.ª D. Maria Meira, muito aparentada nesta vila, e deixa tres filhos, todos de maior idade, a sr.ª D. Violeta de Meira Paula de Araujo Passos, esposa do nosso amigo, sr. João Augusto de Araujo Passos; o também nosso amigo, sr. Manoel Meira de Paula, casado com a senhora D. Abigail da Silva Paula; e o igualmente nosso amigo, sr. Gastão Meira de Paula. Era irmão das sr.ªs D. Antonia, D. Estefania e D. Maria das Dóres Paula (esta ausente no Brazil); tio da esposa do nosso amigo, sr. Candido Gonçalves Pereira; e cunhado das esposas dos nossos amigos sr. Manoel José de Carvalho, Joaquim da Costa Carvalho e José Henrique Terroso.

A toda a familia enlutada enviamos os nossos cumprimentos de condolências, acompanhando comovidamente aqueles nossos amigos, nesta desolada hora de tão acerbo sotrimento.

O funeral do sr. Manoel Ramos de Paula teve logar na terça-feira, pelas 20 horas, saindo o feretro de casa da residencia do malogrado cidadão, em direcção á egr-já parochial de S. Martinho de Vila Frescaína e, após os responsos de sepultura, para o cemiterio da mesma freguesia, onde, em jazigo de familia, ficou inhumado.

A «Vila Violeta» convergiu tudo quanto de distinto e marcante conta o nosso meio, vendo-se todas as classes numerosamente representadas.

O saimento constituiu, assim, uma grande manifestação de saudade e respeito pelo extinto, e de consideração e solidariedade pela sua digna familia.

Os nossos Bombeiros, que durante o dia de terça-feira se conservaram em guarda de honra, compareceram com todo o effectivo, incluindo medico e farmaceutico, sendo o corpo activo acompanhado da direcção da prestantissima instituição.

A rica urna que guardava o cadáver do sr. Ramos de Paula fôz conduzida na carreta dos mesmos Voluntarios, por praças da benemerita corporação, a que o extinto votou sempre acrisolada dedicção, fazendo dela parte seu filho, o nosso amigo, sr. Manoel Meira de Paula.

Varias crianças conduziam lindos *houquets* de flores naturais, com sentidas legendas, de que nos não foi possível tirar a devida nota.

Durante o trajecto organizaram-se dois turnos, constituídos por pessoas de familia, levando a chave do ataude, o genro do saudoso finado, nosso amigo, sr. João Augusto de Araujo Passos.

Os serviços funebres estiveram a cargo do habil armador, sr. João Vila Chã Esteves, que, como sempre, se desempenhou do penoso encargo com a sua bem conhecida competencia.

Por parte da familia, dirigiu o funeral o sr. Manoel Augusto de Araujo Passos, nosso muito estimado amigo.

A familia do saudoso extinto tem recebido as mais carinhosas demonstrações de pesar, sendo grande o numero de telegramas e cartas que, de diferentes pontos, tem recebido.

No prestito, que, como já fizemos sentir, atingiu proporções desusadas, incorporou-se a Associação do Circulo Catolico com o seu estandarte, alem de varias corporações religiosas, tendo também comparecido todo o pessoal superior e operario da fabrica «A Barcelense» de João Duarte Veloso & C.ª, Limitada.

FALANDO A TEMPO CONSIDERAÇÕES OPORTUNAS

E' árida e tem os seus espinhos esta função de escrever para o publico quando nos estão tão encurtidos os limites de liberdade de apreciação.

Compreendemos, por vezes, os motivos occasionais que inspirem ou condimentem tal medida.

Todavia, para orientar aqueles a quem as leis e decretos beneficiam ou agravam—é essa a mais sagrada tarefa da imprensa—preciso se torna que o principio analítico nos surja isento de peias.

Tudo isto sob a cominação de diplomas que coibam exageros e punam abusos.

Quer o sr. ministro das Finanças quer o da Agricultura, prometeram e desejam as mais amplas referencias tanto ás medidas que hajam promulgado como aos factos e consequências delas derivados.

E até, com uma sinceridade que os honra, na ocasião de suas posses e depois em posteriores emergencias, foram os primeiros a reconhecer como má e grave a situação economica do país, e como violentos os encargos fiscaes a exigir ao contribuinte.

Ora é, precisamente, dentro dos principios de lealdade pelos dois titulares apregoados, que nos permitimos tocar, embora muito ao de leve, nos factos dimanados da applicação das suas medidas.

Não é já novidade, porque a imprensa o tem posto bem a claro, que se houvessem continuado a politica economica de compressão de despesas iniciada no governo Alvaro de Castro e seguida até ao 28 de Maio pelo então ministro das Finanças, Marques Guedes que organisaria, sem deficit, o orçamento de 1927 por, no exercicio anterior, o ter diminuído para cerca de 86 mil contos, não assistiríamos ao elevado exagero dos nossos encargos deficitarios.

Infelizmente se verificou, muito ao contrario do que seria de esperar, que, apoz a queda d'aquella politica economica, o deficit passou a 266 mil contos no orçamento Filomeno da Camara subindo a 393 mil contos no de Sinel de Cordes.

Deparam-se-nos então os annunciados agravamentos fiscaes, com uma depressora diminuição de vencimentos ao funcionalismo civil e militar, sujeita ao desequilibrio depreciativo de mais um aumento de circulação fiduciaria.

Agora vejamos o quadro que, dia a dia, se nos vai desenhando:

O ano agricola, n'uma perspectiva deficitaria que deixa prever amargurantes momentos; as contribuições elevadas quasi ao dobro; aumentadas as rendas de casa; a vida domestica com os generos de primeira necessidade a subir de preço; e a emigração, segundo as notas estatisticas, n'um crescente avançante.

E' conhecido que a produção dos cereaes e gramineas já arrecadados nos celeiros foi escassissima, tendo-se perdido, por completo, toda a colheita em varios pontos do Alentejo.

Estamos, pois, em face dum ano agricola igual senão peor ao de 1926, e daí como consequencia derivativa, sujeitos ao incontestavel aumento de preços tanto no pão como nos restantes productos da terra, cuja escasséz é notória.

De facto a lavoura, difficilmente comportará encargos tão pesados, quer os que resultam do aumento de seus impostos quer os que promanam da redução de suas colheitas. Claro que, contra-partida com que o contribuinte enfrenta—regra positiva—as imposições fiscaes, assenta na recolha dumã produção agricola remuneradora. Desde que esta falha (como corresponder aquella exigencia?)...

E' geral o clamór na confirmação desta pagina triste da nossa vida actual, e as locais dos periodicos de provincia bem como as correspondencias dos grandes diarios, quotidianamente o constam.

Anotámos, como exemplo, o que, ainda ha dias, se passou com a visita ao Entrepotro de Gaia, do titular da pasta de Agricultura, segundo o relato de «O Primeiro de Janeiro»:

—Uma mulher do povo dirigindo-se ao sr. Ministro:—«Olhe por isto, meu senhor. Meu homem está desempregado.—Estamos cheios de fome.»

—O sr. Dr. Amílcar de Souza, discursando:—«Defendeu o Douro que diz ter 100 mil pipas de vinho para vender... Lá ha fome e a miseria avança...»

—Orando, o sr. Dr. Ribeiro Braga, director do Banco do Minho: «Diz que os lavradores daquela região tem mais de 300 mil pipas de vinho por vender e a fome começa a bater-lhes á porta...»

A par disto e por um principio da justiça que a todos deve ser distribuida na medida da sua justa equidade, consintam que para aqui transportemos estas apreciações do illustado economista sr. Anselmo Vieira, ha perto de um mez publicadas em «O Jornal de Noticias»:

«O paz reclamava (do 28 de Maio) energicas e ponderadas medidas que estacassem o desregramento das despesas publicas, incompatíveis com os nossos recursos.»

Foi, pois, com indizível amargura que analisou as contas respeitantes á gerencia decorrida desde 1 de Julho de 1926 a 30 de Junho de 1927 (o 28 de Maio foi em 1926) publicadas no «Diario do Governo». Elas mostram que o deficit da gerencia 1925-1926 (anterior ao 28 de Maio) foi de 122.220 contos, e o da gerencia 1926-1927 (primeiro ano da Ditadura) foi de 687.578 CONTOS.

Mostram mais que a rubrica despesas com a divida publica representava, em 30 de Junho de 1926 (um mez decorrido sobre o triunfo do 28 de Maio) encargos na importancia de 343.378 contos, e que esses encargos em 30 de Junho de 1927 (um ano depois) eram de 442.579 contos, ou seja mais 77.579 CONTOS. Se tomarmos a media de 8%, para taxa de juro, temos que só num ano, o primeiro depois da tentativa da revolução vindo de cima (o primeiro da Ditadura) as dividas do Estado aumentaram 969.773 CONTOS, qualquer coisa como DEZ MILHÕES DE LIBRAS. E, de facto, nessa gerencia gastaram-se, a mais que todas as receitas effectivas do país 1.080.000 CONTOS.

A liberdade no consentimento da explanação destes factos só nobilita quem a autoriza. Ha coisas que não devem esconder-se, e estas são das que mais preciso é sabermos-se. Podiamos daqui, mesmo lealmente, tirar muitas conclusões com merito e desmerito para os anteceden-tes e os consequentes ao 28 de Maio.

Mas, em bõa verdade, o momento deixa-nos prever, para dentro de poucos mezes, dias, talvez, (quem sabe!) horas bem amargas que os encargos fiscaes, a reduzidissima colheita agricola, a diminuição dos vencimentos ao funcionalismo, e o acrescimo do preço dos generos, acarretam, mesmo que a intima vontade seja impedido.

Eis porque evitamos considerações de ordem politica, que, afinal, nem delas precisa o publico em face de argum-ntos tão coincidentes por si.

Vivemos um instante gravissimo. Para que escondêl-o?...

Atentemos, todos, na voz de Marques Guedes assim expressa num dos seus mais recentes e prodigiosos artigos:—«*Umge da politica fechada, imposta de uma parte, maior ou menor da Nação, ha que fazer a politica esta pela utilisação e acção de todos os seus valores mentais e morais. A salvapção de Portugal pode e deve ser a obra dos portugueses. Mas, de todos os portugueses, porque, todos juntos, somos, afinal, bem poucos para os que ha a conceber e a realisar.*»

Salvato Moline

«A Opinião»

Bem contra nossa vontade sai hoje «A Opinião» algumas horas mais tarde do que o costume.
Por esta falta, aliás involuntaria, pedimos desculpa.

LOTARIA

Os numeros mais premiados na extração de sabado foram os seguintes:
4456, 400 contos
4824, 60 contos
7804, 20 contos.
335, 1821, 2570, 3603 e 647: 3 contos cada.
559, 772, 1568, 1705, 2037, 1.º 4043, 4150, 4265, 4397, 4684, 5347, 5358, 6379, 6511, 8007, 8022, 8308, 8597 e 8612, um conto e quinhentos cada.
4455 e 4457, aproximações, 4.240\$00 cada.

KEATING
O REI DOS INSECTICIDAS
TUDO MORRE!!!
FORMIGAS
BARATAS
PERCEVEJOS
PULGAS
TRAÇAS
ETODOS OS OUTROS
INSECTOS

Camara Municipal

Sessão de 9 de Julho de 1928

Sob a presidencia do sr. capitão Francisco Filipe dos Santos Caravana, presentes os srs. capitão Baltazar José Ferraz, vice-presidente e os vogais tenente Julio Faria, Miguel Gomes de Miranda e Jaime Real, faltando, por motivo justificado os vogais srs. Albino da Silva Padrão e Francisco José de Sousa.

Aberta a sessão, foi lida e aprovada a sessão anterior, sendo, em seguida autorisado o pagamento das ordens numeradas quinhentos noventa e sete.

ARREMATACÃO

Foi aberta a praça para arrematação dos talhões do terreno pertencente aos menores Emilio e Emilia de Faria Leite, á Pedra do Couto, desta vila, para aquisição dos quais a Camara requereu acção de expropriação por utilidade pública, acção que terminou por um auto conciliatório lavrado a folhas quarenta e nove e seguintes do respectivo processo e que foi julgado por sentença de dose de maio último.

Entrando em praça o primeiro talhão, ao nascente, foi arrematado e adjudicado a José Pereira da Quinta, casado, comerciante, desta vila, á razão de trinta e um escudos e cinquenta centavos por cada metro quadrado, declarando pretender uma frente de doze metros prefazendo, assim, pela arca de terreno arrematado, e de harruonia com a planta arquivada nesta secretaria, trescentos metros quadrados que, ao preço referido, importam em nove mil quatrocentos e cinquenta escudos.

Entrando em praça o segundo talhão a seguir áquêle, foi arrematado pelo mesmo preço e do mesmo numero de metros quadrados, com uma frente de dez metros e um fundo de trinta por José António Afonso Fontainhas, casado, industrial, da freguesia de Barcelinhos.

Finalmente, por não haver licitantes para os talhões a seguir áquêles foi arrematado o último, ao poente e junto ao terreno na extensão de vinte metros reservado pelos expropriados, por José António Fernandes, casado, comerciante, desta vila, ao mesmo preço por cada metro quadrado, declarando pretender uma frente de dez metros com fundo de trinta, prefazendo trescentos metros quadrados que, a preço da arrematação importam em nove mil quatrocentos e cinquenta escudos, sendo resolvido que se anuncie e proceda a nova arrematação, no dia trinta do corrente, com as condições e base de licitação já estabelecidas.

RESOLUÇÕES

Foi resolvido que se officie á Comissão Municipal Administrativa do concelho de Espozende pedindo para harmonisar a lei do descanso semanal, de forma a effectivar-se o encerramento aos domingos, como praticado é, não só em Braga, mas em todos os concelhos limítrofes deste, com excepção do de Ponte do Lima e daquêle.

O vogal sr. Miguel Miranda propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

O sr. presidente propõe e é aprovado:—Que o cantoneiro Domingos Ferreira, passe a diário e fique encarregado do cantão numero oito da estrada municipal numero oito;—Que o cantoneiro Bernardino Gomes Pereira passe a receber três dias por semana e fique encarregado da estrada municipal numero sete, de Cambazes e que as licenças a passar, de imposto de rodado, quando pedidas depois de trinta de junho, sejam passadas por seis mezes.

Aparelhos Kodak



Papeis, chapas, películas e todos os artigos KODAK.
Acabamento dos trabalhos de amadores.

FOTOGRAFIA SOUCASAUX
Eurico Soucasaux
Campo da Feira, 43

Manuel Esteves Limitada

Campo da Republica—Barcelos.
Gal branca e hidraulica, cimento, adubos quimicos, sal e outras mercadorias.
Fabrica Ceramica do Patarro (TELHA E TIJOLO)

Fogão de ferro

no lugar do Régio ou Santo Amaro, Abade de Neiva.
Falar nesta Redacção.

Lenha

Muito boa para cosinhar, a preços módicos, vende-se tanto por carro como a retalho.
Rua da Madalena n.º 11—Campo de S. José.

Perdeu-se

Um medalhão de exposição, pertencentes á «Bõa Reguladora», de Famlhão. Gratifica-se quem as entregar nesta redacção.

Vende-se

O Campo da Roca de lavradio, de 13 x 15 almeias, com pinheiros, Falar nesta redacção.

Em Espozende

Sem cura possível

Um pedido

Com uma interessante e imponente festa foi inaugurada, domingo, em Fonte Boa, concelho de Espozende, uma nova escola de ensino primario elementar, á qual assistiram, alem de muitas outras pessoas, o ex.^{mo} Governador Civil do Distrito, Tenente Lauro Barros Lima, Presidente da C. A. da Camara de Espozende, Augusto Ramôa, inspector deste circulo, dr. Adelio Marinho, distinto clinico desta vila, Alvaro Pipa, admirado director do nosso presado colega «Correio do Minho», Francisco Guimarães e Ribeiro Coelho, tambem do «Correio do Minho», Joaquim Antonio Pereira Vilela, da «Ilustração Catolica», e Manoel Marinho, director do nosso jornal.

A professora ali colocada é a sr.^a D. Margarida Lopes da Silva, distinta dama espozense, mas aqui nesta vila muito conhecida e considerada.

No acto da posse, a que assistiu muita gente e da maior respeitabilidade daquela freguesia, usaram da palavra o ex.^{mo} Governador Civil, Presidente da C. A. da Camara de Espozende, Inspector Escolar, e Matias Martins Fernandes, inteligente professor em Alvelos, deste concelho, enaltecendo-se nesses discursos as distintas qualidades e meritos da nova professora. Falou, por ultimo, o sr. dr. Adelio Marinho, que em nome da nova professora, sr.^a D. Margarida Lopes da Silva, agradeceu a todos os oradores.

Por fim foi servido um lauto almoço, tambem com a assistencia do ex.^{mo} Governador Civil e demais autoridades officiais e convidados.

FARMACIA MODERNA

Antiga da Calçada

Director—João Pacheco Leite

Aviamento de todo o receituário clinico

Salvato Moline

Continua a honrar-nos com a sua apreciada colaboração, este valioso elemento que, sob o pseudonimo em epigrafe, se apresenta como vigoroso jornalista, que é, versando os assuntos com superior elevação e clarividencia como aliás, seria de esperar atendendo á cultura do seu espirito.

«A Opinião», confessando-se grata pela distincção com que vem sendo alvo por parte de Salvato Moline, agradece a leal cooperação que se dignou prestar-lhe; e espera que o seu prestimoso concurso não venha a sofrer interrupção a fim de se manter o brilho e impulso que a sua pena veio dar ao nosso jornal.

Não ha forma de lhe dar cura. Por mais que uma pessoa o queira chamar ao campo onde as coisas podem e devem discutir-se, o sr. A. Leite foge como o diabo da cruz. Pena é que, n'uma das suas caturrices tão peculiares, continue a dizer tolices. — Como quer, depois, que o tomem a sério? Assim é impossível... Houve já quem nos dissesse que isso eram rabujices proprias da idade. — Será certo?... Ora Deus nos dê paciencia para aturar mais esta impertinencia dum cronista que teima no erro com o mesmo fervor com que S. Tiago se atirava aos moiros.

O sr. A. Leite, pecador antigo de velhas culpas a remir, vem perdendo, a pouco e pouco, toda a sua autoridade na questão da cobrança da derrama paroquial.

Alem de lhe apontarmos, por mais de uma vez, as disposições de lei referentes aos corpos administrativos, indicamos-lhe tambem o caminho a seguir para tomar responsabilidades á Comissão Paroquial.

E esta já veio a publico com uma «nota officiosa», por sinal bem ilucidativa, da resolução em que se encontra de não fugir nem temer as culpas que possam tocar-lhe pelos actos da sua administração.

O sr. Leite finge não perceber isto, e, assim demonstra bem a má fé e o inconfessavel e ardiloso fim com que embrulha uma questão tão facil de verificar.

Basta para isso examinar-se a lei e tomar responsabilidades a quem prevaricou.

E tanto é isto verdade quanto é certo o sr. Leite, covardemente, se escapar a pôr em destaque as suas regalias de paroquiano, pedindo já «uma autoridade que estique a lingua á Junta...»

As entidades superiores não precisam dos seus conselhos demais a mais assim falhos de autoridade, visto o sr. Leite pretender atirar a pedra escondendo a mão. Isso não é bonito sr. Leite. Vá o sr. uzando dos seus direitos de paroquiano, pois a lei lh'os confere prevendo os casos que aproveitam ao seu protesto.

O sr. Leite, da forma como está a conduzir-se, mostra pressar pouco a sua honra, pois não trepida em lançar, sem provas, acusações graves sobre a dos outros, que certamente não precisam dos seus conselhos nem de seguir as suas pisadas para serem honrados.

A Comissão Paroquial, tem, de facto, pela sua serenidade, tomado uma attitude dignamente elevada. Esse elogio lhe cabe. E desde que traz a consciencia bem tranquila pela lisura dos seus actos e pelo rigoroso cumprimento das leis que aprovei-

tam ás suas funções, é assim mesmo que deve manter-se.

Os crocodilos tambem choram como crianças, porem já ninguem se ilude com as suas lamentações.

O Jeremias de «O Barcelense», chora e protesta, não porque a derrama seja mal lançada, mas sim por desejar que o seu producto tivesse determinada applicação.

Se assim fosse então converter-se-hia num pequeno encargo para os paroquianos. Repetir-se-hia, em nossos dias, o milagre da Rainha Santa que viu os seus pães transformados em mimosas e perfumadas flores.

Quem não o conhecer que o compre! Podem-no levar á feira bastas vezes que ninguem lhe dará lanço, pois muito a descoberto estão as suas manhas!

O sr. Leite perdê-nos, mas quem está a precisar muito dum enxerto de glandulas de macaco é o sr., e até nos quer parecer, por umas coisas que lemos, que o Dr. Veronoff aconselha o uso da sua maravilhosa descoberta ás pessoas da idade que o sr. acusa.

Ai! o que ahi não vae sêr!...

Adeus Igrejas; adeus Santos; adeus festas. Raparigas vinde a mim; a mim a mim que sou freguez!

Uma vez mais se confirma o dictado:

Quem diz o que quer, sujeita-se a ouvir o que lhe não convem.

* * *

Está em cobrança, e parte já cobrada até, a derrama paroquial. O nosso conselho é que todos a paguem, pois a falta de cumprimento desse dever obriga a um relaxe com mais pesados encargos, talqualmente o que tem sucedido com os faltosos do ano transato, cujas dividas vem sendo cobradas pelo respectivo Tribunal Executivo.

De resto o total deste lançamento não atinge nem metade da verba do ano anterior, o que torna bem suave o seu pagamento.

Todos veem a maneira como encaminhamos esta questão, querendo chamar até a uma logica discussão o sr. A. Leite que se contenta, afinal, a dizer tolices aconselhando mal e criminosamente os paroquianos.

Devem pois, os interessados, a quem surjam duvidas, ponderar bem o assunto, mas buscando elucidações onde elas devem sêr colhidas com imparcialidade e justiça, dando ás madurezas do sr. A. Leite o desconto que elas merecem pelas impertinencias da sua propectividade... e para descanso do seu serafico espirito e remissão dos seus pecados. Amen.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Com muita — e quasi penodica — insistencia importunam-me com a novidade de que vou ser reintegrado no exercito. Nada sei a tal respeito e os poucos informes, que uma ou outra vez recibo da ressurreição dos Traulltelros, são absolutamente negativos e de limpa fonte.

O que é demais cansa! Peço ao respeitavel publico a particular fineza de me deixar em paz e sossego sobre esse já fastioso assunto. Não chego ao ponto de aceitar a opinião de alguém que apenas vê nessa massada o desejo de se vêr vago o lugar da luz, mas confesso que estou a atingir esse ponto... de rebufado!

Barcelos, 17 de Julho de 1928

José de Mancelos Sampaio

Carreira diaria para a Povoá de Varzim

A Empresa Hoteleira do Gerez, Limitada e Auto Viação do Gerez, Limitada, de Braga, comunicam ao publico deste concelho que acabam de realizar uma carreira diaria entre aquela cidade e Povoá de Varzim, com paragem ás 10,45 em Barcelinhos, na mercearia Figueiredo, ao Largo do Tanque, e com regresso da Povoá ás 21 horas.

Aos domingos e dias santos o regresso da Povoá será ás 23 horas.

Barcelinhos, 18 de Julho de 1928.

Pela Empresa Hoteleira do Gerez, L.^a e Auto Viação do Gerez, L.^a

Augusto Faria Figueiredo

Comandante Afonso de Cerqueira

Nesta vila, com sua illustre familia, e em casa do sr. Francisco Gomes Ribeiro, estimado gerente da Agencia do Banco Ultramarino, encontra-se este distinto official que é uma das mais brilhantes figuras da nossa Marinha de Guerra e devotissimo republicano com larga folha de serviço em defeza do regimen.

Ao valioso militar os nossos affectuosos cumprimentos.

Quer vestir bem?

Visite a nova ALFAIATARIA BAPTISTA, de João Baptista Lima Miranda, na rua Barjona de Freitas, n.^{os} 3 a 5 (antiga rua da Nogueira).

Aí se executam todos os trabalhos pelos ultimos figurinos, confecção caprichosa e esmerada.

Cortes Modernos

Preços modicos